

... Cadernos :: edição: 2003 - N° 22 > Índice > Resumo > **Artigo**

### **Dinâmica de Sala de Aula: uma variável na aprendizagem**

**Reinoldo Marquezan  
Angela Meincke Melo  
Graciela F. Rodrigues  
Daniele Noal**

A dinâmica da aprendizagem se dá através de interações mútuas, nas quais alunos e professores estabelecem relações sociais e afetivas. Na sala de aula essas relações se orientam para promover e efetivar a aprendizagem formal. Neste artigo apresentamos os resultados da pesquisa que teve como objetivo interagir com o professor de modo intencional, subsidiando-o para aumentar as situações de troca entre seus alunos. Primeiramente identificou-se a estrutura sócio-afetiva dos grupos, utilizando como instrumento o Teste Sociométrico. No segundo momento realizamos com os docentes, encontros nos quais abordou-se questões referentes a dinâmica de grupo e as concepções construtivistas de aprendizagem. Acreditamos que, conforme a Teoria Construtivista da aprendizagem, a interação e as trocas entre os membros constituintes do grupo de sala de aula é fundamental para a aquisição de uma aprendizagem significativa para os educandos.

**Palavras-chave:** dinâmica de grupo, aprendizagem, sala de aula.

A prática educativa engloba diferentes variáveis no processo de ensino-aprendizagem e que podem definí-la ou configurá-la. Podemos considerar a escola, a família, a sociedade, todo o ambiente sócio-cultural no qual estamos imersos, como parte deste conjunto de variáveis que se refletem diretamente no ambiente escolar. É também neste ambiente que as crianças intensificam sua socialização e estabelecem vínculos diversificados. Coll (1994, p. 92) diz que:

Como é sabido, Vygotsky propôs o conceito de Zona de desenvolvimento proximal para explicar a defasagem existente entre a resolução individual e social de problemas e tarefas cognitivas: geralmente, nós, pessoas, somos capazes de resolver problemas ou de efetuar aprendizagens novas quando contamos com a ajuda de nossos semelhantes, mas, em troca, não conseguimos abordar com êxito estas mesmas tarefas quando dispomos unicamente de nossos próprios meios.

Assim, a dinâmica da aprendizagem se dá através de interações mútuas, nas quais educandos e professores estabelecem relações sociais e afetivas, sendo a sala de aula o ambiente em que estas relações se solidificam e caminham em direção ao desenvolvimento significativo de habilidades cognitivas e sócio-afetivas.

Sob o enfoque da concepção construtivista cuja ênfase consiste na inter-relação entre os pares para consolidar-se a aprendizagem, estudos a partir desta perspectiva irão permear o presente artigo, assim como algumas considerações relevantes à cerca do processo de interação e a função dos grupos que são estabelecidos em sala de aula.

Outro aspecto a considerar é a relevância do conhecimento, por parte do educador, da estrutura e dinâmica da sala de aula na qual atua, afim de que considere fundamental propor ações pedagógicas que venham proporcionar trocas mútuas entre seus educandos no ambiente escolar e, em consequência, a aquisição de uma aprendizagem significativa a todos eles.

A pesquisa desenvolvida teve como propósito verificar como as trocas sócio-afetivas estão ocorrendo em turmas de primeira série de quatro escolas públicas municipais da cidade de Santa Maria/RS e de que maneira as mesmas interferem na construção da aprendizagem. Com o objetivo de identificar a estrutura relacional a partir das indicações de aceitação e rejeição manifestadas pelos alunos na classe, utilizou-se o Índice de Posição Sociométrica – IPS, a partir do Teste Sociométrico. Conforme Moreno (1972, p.83), o Teste Sociométrico é definido como “instrumento que estuda as estruturas sociais em função das atrações e repulsas manifestadas no seio do grupo”.

Considerando as informações apresentadas pelo referido teste, procurou-se trabalhar com os docentes envolvidos, de modo que sua prática docente fosse subsidiada com referenciais teóricos sobre dinâmica de sala de aula.

Desenvolver uma prática educativa voltada às necessidades dos educandos e propício a trocas sócio-afetivas requer, do educador conhecimento e reflexão. Este conhecimento a cerca da estrutura do grupo de sala de aula é o primeiro passo na busca por uma verdadeira aprendizagem.

Definida como um espaço social, a sala de aula deve constituir-se de situações nas quais alunos e professor estabelecem interações essenciais ao desenvolvimento sócio-cognitivo. Nessa perspectiva Garnier, Bernarz e Ulanovskaya (1996, p.215) afirmam que:

A construção de conhecimentos pelos alunos resulta da interação de processos interindividuais e intra individuais, que se desenvolvem dentro de um contexto no qual o professor concebe situações que otimizam essas interações, dando-lhes a oportunidade de desenvolver-se para atingir o objetivo visado.

A partir destas premissas o ambiente pode ser considerado como um potencializador de relacionamentos interpessoais e ao mesmo tempo um mediador no processo de construção do conhecimento. O meio, representado diretamente pela escola assume o papel de estimular, respeitando as estruturas do indivíduo. Estruturas estas inacabadas, pois o homem obriga-se a fazer-se, a concluir-se de forma que sua própria atividade o faça. A educação terá que propiciar as condições ambientais favoráveis ao aluno para que ele possa realizar, através de mediações ou interações, suas expectativas.

Moraes (1996) ao mencionar Piaget, diz que o sujeito por si só não poderá chegar a qualquer conhecimento, nem se quer tornar-se sujeito; e que o meio, seja ele físico ou social tem toda a importância que se pode imaginar, mas ele não tem qualquer poder de determinação do sujeito (a não ser para destruí-lo), senão mediado pelas instâncias do próprio sujeito.

Desde que nascemos estamos imersos em diferentes grupos, numa constante dinâmica entre a busca de uma identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social. Cada pessoa constrói sua identidade a partir das relações sociais, assim, desde que nascemos estamos vivendo em grupo, estamos rodeados de pessoas que nos influenciam. Refletimos ações e falas de muitas pessoas, até formarmos o nosso eu. De acordo com Cordioli (1998, p.230):

O campo grupal se constitui como uma galeria de espelhos, onde cada um pode refletir e ser refletido nos e pelos outros. Os indivíduos parecem lembrar em alguns aspectos uns aos outros. Isto constitui uma unidade no grupo, que, no entanto não pode gerar exclusão de opositos, pelo contrário, o conceito atual de unidade é de inclusão dos opositos.

Portanto, dentro de um grupo e em busca de alcançar os objetivos traçados, cada componente assume uma posição. Por mais que o resultado esperado seja o mesmo, cada indivíduo exerce sua fala, dá sua opinião, se cala, ou seja, cada um mantém sua individualidade, sua identidade.

O ambiente escolar apresenta-se como um espaço multicultural e de múltiplos saberes, contendo como finalidade favorecer a socialização entre educandos e proporcionar uma aprendizagem significativa. É preciso salientar que até pouco tempo a socialização não era levada em conta na sala de aula, o mais importante era a memorização e a aprendizagem mecânica dos conteúdos escolares. Freire (1994, p.134), enfatiza essa questão quando coloca que:

Ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor, a aprendizagem não se dá por transferência de conteúdo, mas por interação, que é o caminho da construção.

Com as transformações sociais ocorridas nos últimos anos, não somente da sociedade em seu conjunto, mas também de paradigmas educacionais, a escola precisou ser mais democrática e, o que nos desafia atualmente, precisa ser inclusiva.

A educação em geral, e a escola em particular, devem promover o desenvolvimento pessoal de cada educando, a fim de que ocorra a sua inclusão como ser humano, como ser global no ambiente em que vive. Neste âmbito, a inclusão pode ser entendida como as diferentes relações que são estabelecidas entre indivíduos com o grupo, sendo a sala de aula um dos principais ambientes pelo qual se concretizam essas relações.

Coll (1994, p.78) comenta:

A relação do aluno com seus companheiros, com seus iguais, incidem de forma decisiva sobre aspectos tais como, o processo de socialização em geral, a aquisição de aptidões e de habilidades, o controle dos impulsos agressivos, o grau de adaptação às normas estabelecidas, a superação do egocentrismo, a relativização progressiva do ponto de vista próprio, o nível de aspiração e inclusive o rendimento escolar. Com isso, faz-se necessário que o educador conheça o seu espaço, seu território, ou seja, tenha em mente o que, para que e para quem dirige sua prática pedagógica. Ele conhece seus alunos? Conhece os diferentes grupos que se formam na sala de aula? O aluno não encontra-se isolado no grupo escolar, ele estabelece comunicação, forma redes de relações e a sua elaboração do conhecimento se dá através da troca com outro. E é buscando refletir e conhecer o ambiente onde o educador pisa, que ele proporcionará aos seus educandos uma educação mais humanizadora no ambiente escolar.

de aula, obtendo o IPS – Índice de Posição Sociométrica dos 102 alunos de primeira série do Ensino Fundamental participantes do trabalho.

As posições sociométricas ocorrem em conformidade com as indicações dos colegas do grupo manifestadas no Teste Sociométrico que é um instrumento que possibilita reconhecer as manifestações de atração e repulsa que podem ocorrer no interior de seu grupo.

Cada posição sociométrica, obtida em função das indicações de aceitação ou rejeição entre os membros do grupo, é disposta na Matriz Sociométrica. A disposição de todos os membros do grupo na Matriz permite visualizar espacialmente as posições que cada membro ocupa no grupo em função das indicações recebidas. A disposição das posições na Matriz Sociométrica se dá pelo Destaque (número de indicações recebidas) e pela Qualidade do Destaque (número de escolha ou rejeição). O destaque se baseia no total de indicações, aceitações mais rejeições recebidas dos demais membros do grupo. A qualidade do destaque se baseia na relação entre o número de escolhas e rejeições recebidas dos demais membros do grupo.

Para os efeitos de análise da presente pesquisa, agrupamos algumas posições sociométricas e as identificamos como Zona. Assim, os alunos posicionados com destaque inferior e qualidade inferior, médio e superior (II, IM, IS) estão posicionados na Zona de Isolamento – ZI. Esta denominação atribui-se porque os alunos com destaque inferior são aqueles que não recebem indicação (escolha ou rejeição) dos demais. Da mesma forma os alunos posicionados com destaque médio e superior e com qualidade inferior (MI e SI), estão posicionados na Zona de Rejeição – ZR. Rejeição porque os alunos que ocupam essas posições receberam indicações de rejeição dos demais membros do grupo. Chamamos de Zona de Segurança - ZS as posições sociométricas com destaque médio e superior e qualidade do destaque também médio e superior (MM, MS, SM, SS).

Na Tabela 1 evidenciamos os dados obtidos conforme as Zonas de distribuição das posições sociométricas.

	Total	%
Nº de alunos	102	100
Alunos da ZS	40	39,3
Alunos da ZI	29	28,4
Alunos da ZR	33	32,3

	Escola 1	Escola 2	Escola 3	Escola 4	Média	
	Turma	Turma	Turma A	Turma B	Turma	
Alunos na ZS	38,4%	40,0%	35,0%	53,0%	33,4%	40,1%
Alunos na ZI	30,8%	16,0%	35,0%	23,5%	37,0%	28,4%
Alunos na ZR	30,8%	44,0%	30,0%	23,5%	29,6%	31,5%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

A estrutura sócio-afetiva identificada em cada escola, conforme TABELA 2, mostra que um percentual médio de 40,1% teve posição sociométrica de destaque e/ou qualidade no grupo, e os consideramos em Zona de Segurança - ZS. Já 59,9% dos alunos tiveram posição sociométrica de destaque e/ou qualidade inferior, situados nas Zonas de Rejeição - ZR e Isolamento - ZI, caracterizando um grupo de risco para a aprendizagem.

Com base nas porcentagens da TABELA 2 percebemos que a Escola 3 apresenta um número consideravelmente positivo nas suas indicações de aceitação dos colegas pelo grupo. No entanto, a análise da estrutura sócio-afetiva da Escola 2 demonstrou que 44% das crianças são rejeitados na turma. E o maior índice de isolamento, 37%, encontra-se na Escola 4.

Os números evidenciam a necessidade de que, entre as ações realizadas para a aprendizagem dos alunos, estejam incluídas atividades que promovam trocas entre os mesmos.

Sendo assim, este trabalho teve por objetivo identificar a estrutura sócio-afetiva do grupo de sala de aula e a partir dela formular atividades juntamente com os professores para influenciar a dinâmica da aprendizagem favorecendo a interação aluno-aluno e aluno-professor.

Durante a prática destas atividades, houve participação ativa por parte da maioria dos professores. Estes eram professores das séries iniciais do Ensino Fundamental. As escolas escolhidas para a efetivação do trabalho encontram-se no bairro Camobi, da cidade de Santa Maria e atendem a uma população de classe sócio-econômica baixa. Aconteceram dois encontros em cada uma das escolas. Trabalhamos com os professores através de textos, técnicas, dinâmicas e discussões, questões relevantes que permeiam a proposta construtivista de aprendizagem e a dinâmica de sala de aula, representada pela interação sócio-afetiva. Os encontros foram bastante significativos em termos de participação e interação dos professores. Cada um teve a liberdade de fazer relatos, mostrando-se assim, interessados em dinamizar sua sala de aula de modo a promover o maior número de trocas possíveis. Foi relatado por alguns destes ter havido mudança na estrutura sócio-afetiva de sala de aula após a aplicação de algumas técnicas propostas.

Partimos do pressuposto de que nosso desenvolvimento pessoal está extremamente vinculado ao contexto cultural no qual estamos inseridos, sendo desta forma as interações e trocas mútuas entre os membros constituintes do grupo de sala de aula fatores fundamentais para a aquisição da aprendizagem significativa, dentro de uma proposta construtivista de aprendizagem.

Neste contexto, Grossi citando Freire (1993, p.162) diz:

Gostaria de me ater a uma questão que está junto com a construção do grupo, que um grupo, para se constituir, necessita de um educador presente, não basta só dizer "se juntam para trocar", como acontece no dia-a-dia da sala de aula. "Deixa as crianças desenharem, deixa as crianças jogarem". Sem um educador que constrói intervenções neste processo, não há construção.

Desta forma, o conhecimento da sala de aula por parte do educador é fundamental, na medida em que concebe este espaço como processo de conhecimentos mútuos geradores de novos saberes, possibilitando a ele intervir nas interações entre seus alunos e promover mudanças no ambiente de sala de aula. O professor ao conduzir seus alunos na construção do conhecimento, estará permitindo aos mesmos a exploração de suas habilidades na busca de novos conhecimentos. Permitindo seu crescimento

intelectual e o desenvolvimento de suas aptidões.

É importante salientar que o desenvolvimento intelectual não está isolado das demais áreas do desenvolvimento humano, ao contrário, encontra-se envolvido com aspectos cognitivos e afetivos. É o que aponta Ferreira (2002, p.2), em sua obra ao afirmar que enquanto há o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, há também desenvolvimento da afetividade, já que os mecanismos de construção são os mesmos.

Implementar situações de aprendizagem, estabelecendo uma postura pedagógica reflexiva e adequada às características dos educandos significa ir além de desenvolver conteúdos curriculares, torna-se um desafio aos educadores, e somente aqueles comprometidos com a educação é que farão a diferença.

#### Referências Bibliográficas

COLL, C. Aprendizagem escolar e construção do conhecimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

CORDIOLI, A. Psicoterapias: abordagens atuais. 2<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FERREIRA, P. Afetividade e Cognição. Disponível em: [www.psicopedagogia.com.br](http://www.psicopedagogia.com.br)

FREIRE, P. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 3<sup>o</sup>ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GARNIER, C., BERNARZ, N., ULANOVSKAYA, I. Após Vygotsky e Piaget: Perspectivas social e construtivista - Escolas Russas e Ocidental. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GROSSI, E. & BORDIN, J. (org.). Construtivismo Pós-Piagetiano: Um novo paradigma sobre aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1993.

MORENO, J.L. Fundamentos de la sociometría. Buenos Aires, Paidós, 1972.

[Edição anterior](#)

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

Cadernos :: edição: 2003 - Nº 22 > Índice > Resumo > **Artigo**